



“PODE O *BODY MODIFICATION* PRODUZIR RESISTÊNCIA AO BINARISMO SEXUAL?”: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS A PARTIR DE UMA NARRATIVA PERFORMÁTICA DE VIDA¹

Márcio Alessandro Neman do Nascimento²

Wiliam Siqueira Peres³

Resumo: O presente trabalho visa analisar uma narrativa performática de vida a partir de uma entrevista realizada com um sujeito adepto de técnicas de modificações corporais. A análise do discurso será tratada a luz das propostas de autores pós-estruturalistas e da Teoria *Queer* que discorrem sobre questões relacionadas aos estudos culturais, de gêneros e das expressões das sexualidades. Para a análise será problematizado o uso das técnicas de modificação corporal como um dispositivo político que atravessa e pode resistir aos posicionamentos essencialistas e binarizantes sobre os marcadores sociais corpo, sexualidade/gênero e suas interseccionalidades.

Palavras-chave: body modification; corpo; subjetividade; narrativa de história de vida.

Sobre multiplicidades, dissidências e modificações corporais

Nos últimos anos, temos assistidos ao (re)surgimento considerável de modificações corporais na esfera popular, acontecimento que produz problematizações nas mais diversas áreas da construção do conhecimento. Argumentos tais como, processo de estetização, estilo de vida, integrante de uma tribo urbana, busca de prazer e bem-estar, transtorno psiquiátrico, profanação dos corpos, entre outros, emergem

¹ O presente trabalho se refere a um recorte da pesquisa, em andamento, de doutorado intitulada provisoriamente *Corpos (Con)Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corpos singulares.*

² Psicólogo e professor universitário. Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Integrante do GEPS (Grupos de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades). E-mail: marcioneman@gmail.com

³ Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Integrante do GEPS. E-mail: pereswiliam@gmail.com

constantemente nas práticas discursivas proferidas no cotidiano, possibilitando, desse modo, análises de como, ainda hoje, as disciplinas e os controles frente às corporalidades podem ser contínuas ou rompidas. Nessas problematizações, insurge as discussões sobre o *body modification*, que pode se referir a:

[...] a uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, o cutting, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o bodybuilding, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo [...] Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos” (FEATHERSTONE, 1999, p. 01 apud BRAZ, 2007, p. 25).

No entanto, vale diferenciar aspectos contextuais entre o que se considera *body modification* (como qualquer forma de transformação corporal) e *body modification* (realizada enquanto técnica por *body modifiers*, *performers*, *body piercings*, tatuadores, ou os ditos *urban primitives* ou *modern primitives*⁴). O *body modification* enquanto conjunto de técnicas e procedimentos específicos inclui o uso de materiais tais como, *piercings*, tatuagens, implantes subcutâneos (p. exemplo, os *beadings*), uso de ganhos para suspensão corporal humana, o uso de *corset*, escarificação, *branding*, cortes entre outros. Outras expressões do uso do corpo podem ser condicionadas às técnicas da *body modification*, como por exemplo o *body play* e o *body art*.

O *body play* ou *play piercing* podem ser compreendidos como expressões corporais (jogos e brincadeiras) que utilizam, temporariamente, técnicas de perfuração para produzir sensações através da elevação de corpos por auxílio de ganchos e cordas (suspensão), produzir tração de forças contrárias entre corpos (*pulling*), costurar partes

⁴ Movimento criado em meados da década de 1960 pelo xamã e *performer* Fakir Musafar (Roland Loomis) – considerado o Pai do Movimento Moderno Primitivo. Esse movimento é seguido por pessoas que habitam países desenvolvidos e ocidentais e que praticam rituais de modificação corporal (e de prazer) em referência e/ou homenagem aos ritos de passagem de culturas ditas como “primitivas”, como por exemplo, algumas etnias e povos indígenas e/ou orientais. Fakir é diretor e professor da *Fakir Body Piercing & Branding Intensives*, organização que oferece cursos sobre modificações corporais, além de ser proprietário da revista *Body Play* (<http://www.bodyplay.com/>), editada entre 1992-1999. Experienciou, em seu próprio corpo, técnicas e procedimentos tais como, suspensão corporal, perfurações, branding e escarificação, se tornando não apenas um ícone do *body modification*, mas também de comunidades *undergrounds* ligadas às práticas de sadomasoquismo (BDSM). VER: Vale, V. & Juno, Andrea. *Modern primitives: an investigation of contemporary adornment & ritual*. San Francisco: Re/search (1989/2010). VER: <http://www.fakir.org/classes/index.html>.

dos corpos (*sewing*), aplicações uniformes (alinhadas) e geométricas de *piercings* (corset) e agulhas, entre outros.

Já o *body art* refere-se a utilização do corpo como um dispositivo político ativado pela contextualização da arte performática; nela a multiplicidade e plasticidade estética e de sensações experienciadas *no e pelo* instrumento da ação artística – o corpo. As corporalidades na *body art* são (res)significadas a partir do uso de técnicas de tatuagem, perfurações, amarrações, marcas na pele, utilização de acessórios e idumentárias que produzem *performances sui generis*, bizarras, híbridas, surreais e plurais que, de modo político, visam romper com o instituído, com o comum, o naturalizado e o padrão. As conexões entre processos subjetivos do(s) ator(res) e a linguagem da arte (técnica e filosófica) insurgem em *performances* que evocam o não-convencional, o grotesco, o esdrúxulo, o absurdo, o sem nexos e o abjeto (p. exemplo, os *freakshows*), envolvendo posições corporais e contextuais deslocadas no tempo e espaço, produzindo deste modo, discursos, estéticas e narrativas midiáticas implicadas em cenas e discussões sobre a política da Vida.

As técnicas de modificações corporais são praticadas há séculos por uma grande variedade de razões. Steve Haworth, considerado o pai da *Body Art 3D* (incisões subcutâneas), indica no documentário “*Modify*”⁵ que existem 4 motivos para que as pessoas passem pelo processo de modificação corporal: 1- valores estéticos; 2- reforço/potência na condição sexual; 3- chocar ou confrontar valores sociais e; 4- espiritualidade.

Ou seja, as motivações podem ser de diversas ordens, mas principalmente relacionadas ao crescimento pessoal (experiência e superação), ritual de passagem, transgressão social, aspectos espirituais, sexuais, e também por bem-estar e estética.

Entre os argumentos relacionados aos processos de estetização, existem aqueles que afirmam que se trata apenas de uma tendência de moda; já outros, anunciam-se contra a absorção sistemática dos processos midiáticos de massa. Porém, pergunta-se: O que faz com que as pessoas produzam corporalidades dissidentes se comparadas com as estéticas normativas/padrão?

Notamos que a insurgência de vastas e distintas alternativas de estetização corporal tem visibilizado o investimento de políticas de mercado *nas e para* as corporalidades, muitas delas orientadas pela lógica do capital. A

⁵ Documentário *Modify*. JACOBSON, Greg; GARY, Jakson. *Modify*. Comunited Films, LLC. 85 minutos. DVD. Ver ficha técnica no site: <http://www.imdb.com/title/tt0455980/d>

(trans)contemporaneidade⁶ permite assim, o surgimento recorrente de diversas possibilidades interventivas para que indivíduos possam produzir modos específicos de se perceber belo. Nesse cenário, o corpo emerge como uma produção discursiva que sofre interdições/ produções em seus contornos, conceitos e funções de acordo com os acontecimentos sócio-históricos, culturais e políticos emergentes. Assim, torna-se impossível pensar o corpo como um constructo sólido, essencial e imutável, sendo necessário problematizá-lo por meio de determinantes construídos a partir do encontro entre homem e cultura e, subseqüentemente, de toda prática discursiva que se produz a partir dessa relação.

Também é recorrente a percepção da significativa utilização de adorno na atualidade, principalmente o uso de tatuagens, piercings e acessórios metálicos. A captura mercadológica - por meio dos processos midiáticos e da moda - da estetização obtida por modificações corporais é demonstrada pela crescente visibilidade de locais de atuação de *body piercers* e tatuadores, que saíram da clandestinidade dos porões e passaram a atuar em estúdios equipados, assim como também observamos a minimização do estigma de marginal⁷ para integrantes de tribos urbanas de grandes centros (Costa, 2004).

A história da sexualidade problematizada por Michel Foucault (2005) assim como as problematizações de gênero discutidas também por Judith Butler (2003) indica como os conceitos sexualidade(s), gênero(s) e corpo(s) foram utilizados como um dispositivo regulatório e disciplinar das populações. Sobre a tecnologia estratégica do dispositivo da sexualidade, Foucault (2005, p. 100) diz:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. [...]

As reflexões trazidas por Foucault (2005) e Butler (2003), além de muitos outros autores, têm contribuído para que possamos situar sócio-historicamente os modos pelos

⁶ Em Rosi Braidotti (2006) encontramos a idéia de *transcontemporaneidade* sendo utilizada para analisar os acontecimentos que co-existem, co-habitam, assim como também problematizar as reverberações e as polissemias que produzem descontinuidades e modos de existir que se contrapõem aos paradigmas que se baseiam em uma visão positivista. Ver: BRAIDOTTI, Rosi. *Transposiciones – sobre la ética nómada*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

⁷ No caso da tatuagem, era recorrente o uso entre criminosos (presídio), marinheiros (zonas portuárias), prostitutas e cafetões nos recantos de prostíbulos (Costa, 2004). Em relação às tribos urbanas podemos citar, os *punks*, os *rockabillys*, *hippies*, *clubbers*, *pitboys*, entre outros.

quais os processos de subjetivação produzem práticas discursivas e, subseqüentemente, a feitura dos sujeitos. A ordem de discursos impõe referências que se materializam nos corpos, os assujeitando às regras normativas, às instituições disciplinares e à matriz heterossexual (heterossexualidade compulsória). Recorrentemente, os sujeitos buscam recursos da estetização ocasionada por técnicas do *body modification* para reificar o binário sexual e de gênero.

De acordo com o sociólogo Marcel Mauss (1974), ao longo da história, sempre existiram técnicas corporais impostas duramente pelas práticas sociais que incidiam no controle e disciplina das corporalidades de um dado período sócio-histórico. As expressões do corpo eram adestradas, dominadas, inibidas em sua espontaneidade dos movimentos. O padrão comportamental a ser exibidos e/ou corrigidos, eram ditados por uma educação das gestualidades, estabelecido e mantido em nome da moral e tradição.

De todo modo, as tecnologias corporais e de gêneros foram e são utilizadas para (re)produzir diferenciação e relações de poder entre homens e mulheres, feminino(s) e masculino(s), sexualidade(s) normativa(s) e dissidências sexuais, entre outros (De Lauretis, 1994; Butler, 2003).

Nas pesquisas sobre o uso de tatuagem e prática do *bodybuilding* (uso exacerbado de exercícios com finalidade de hipertrofia muscular), Sabino e Luz (2006) indicam em seus estudos, no recorte populacional do Rio de Janeiro, que muitos homens recorrem a essas técnicas para construir uma corporalidade mais ostensiva da virilidade e da força. Nessa mesma perspectiva, Pires (2005) analisa que a experiência da dor nas práticas corporais também corrobora com a análise que o processo de práticas doloridas também pode ser condicionado a idéia de macheza e virilidade. Já as mulheres,

[...] tendem a tatuar determinadas figuras, como rosas e flores em geral, estrelas, borboletas, lua, sol, personagens femininas de histórias em quadrinhos, beija-flores, gatos e fadas. Ideogramas, desenhos tribais, palavras e frases em letra gótica, símbolos da computação, códigos de barra, corações, duendes, deuses ou deusas mitológicos são símbolos inscritos tanto na pele de homens quanto de mulheres. Águias, cruces, panteras, tigres, dragões, demônios, caveiras, armas, arame farpado, sereias, mulheres nuas, tubarões, esqueletos com foice e capuz e, principalmente, cães da raça pitbull, são tatuagens masculinas (SABINO E LUZ, 2006, p. 254-255).

[...] os locais do corpo também definem o gênero: mulheres costumam tatuar a nuca, a região lombar (principalmente as chamadas tribais), os seios, as nádegas e virilhas, às vezes omoplatas, pés e calcanhares. Já entre os homens os desenhos situam-se principalmente no bíceps (em geral na parte exterior, mas também há desenhos na parte interior), costas, deltóide, antebraço e mais raramente abdômen, panturrilhas e peito (SABINO e LUZ, 2006, p. 255).

Em uma pesquisa brasileira, realizada por Débora Krischke Leitão, a autora elencou pilares sobre o uso da tatuagem para (res)significar o corpo na contemporaneidade, a partir de entrevistas com mulheres, indicando assim:

A possibilidade dessa ressignificação e aceitação da marca e da imagem do tatuado se constrói, no grupo estudado, sobre três pilares: (1) o uso da marca se insere no universo feminino através dos cuidados com o corpo e das práticas embelezadoras; (2) vai ao encontro de princípios presentes no ideário contemporâneo que pregam valores, como autocontrole, auto-responsabilização, autodisciplina e autonomia sobre a anatomia . revelando o corpo como superfície maleável; (3) vai ao encontro da ideologia de valorização da pessoa singular, da subjetividade e das diferenças individuais (LEITÃO, 2004, p. 05)

Nos últimos anos, homens e mulheres evidenciaram o uso de tatuagens e piercings em números sem precedentes, na busca da construção de um projeto de corpo belo, *fashion*, erótico e atualizado pelos processos comerciais e midiáticos, produzindo desse modo, práticas discursivas e processos de subjetivação que podem ser descritos em narrativas de histórias de vida. Porém, também é fato que existem as histórias daqueles que resistem e possibilitam novos modos de produzir vida.

Assim sendo, a narrativa de história de vida pode ser entendida como método de pesquisa qualitativa que visa a ênfase nas práticas discursivas, pois é a partir delas que remonta e problematiza acontecimentos a partir das experiências emergidas, tanto no que diz respeito às continuidades quanto às rupturas significativas. Sobre esse método e também técnica de pesquisa, Terto (1997, p. 97) diz:

[...] As histórias de vida vem sendo empregadas como técnica de pesquisa pelas ciências sociais e pela psicologia em estudos baseados em metodologias qualitativas e que buscam reconstruir as experiências individuais em determinados momentos históricos, contar a história de certa cultura e compreender a interação de fatores individuais e culturais, a partir do ponto de vista do indivíduo.

Desse modo, o método de narrativa de história de vida traduz o mundo por meio do discurso da multidão de sujeitos que habita em nós tanto quanto possibilita a análise dos acontecimentos históricos e contemporâneos que atravessam o humano.

Por uma narrativa corporal performática: T. Angel⁸

A partir das questões supracitadas, este trabalho investe na análise de uma narrativa performática de história de vida de um participante que se disponibilizou a compartilhar suas experiências, tendo como partida o próprio corpo. A narrativa se deu por meio de uma entrevista áudio-gravada e transcrita *a posteriori* na íntegra. Buscou-se, durante o processo dialógico, problematizar questões pertinentes aos momentos marcantes e históricos da vida do entrevistado relacionados ao estilo de vida, práticas sociais recorrentes, vivência de afetos e a relação com a sexualidade e as modificações corporais ocasionadas.

O entrevistado T. Angel, tem 30 anos, homossexual, reside com a família, se considera colorido (quando questionado a raça/etnia e cor de pele) e ateu, possui 3º grau completo, e no momento da entrevista namorava, trabalhava na área de *performances* artísticas e gerenciava o próprio *site* relacionado à estética e modificações corporais. Alto, magro, sorridente, visivelmente apresenta modificações corporais realizadas por meio de técnicas do *body modification*, utiliza roupas *unissex*, despojadas e com referências às culturas *undergrounds* da Contracultura. Oriundo de uma família evangélica (Congregação Cristã do Brasil), T. Angel teve que produzir, desde a infância, modos de resistência às normativas relativas ao seu estilo de vida, sua relação com as crenças, modos de experienciar a sexualidade e o corpo.

Segundo T. Angel, durante toda a infância e adolescência teve seu corpo moralizado e disciplinado devido a aprendizagem familiar/religiosa e também pela participação de outros contextos sociais aos quais foi se inserindo ao longo da vida:

Eu não ficava nem sem camisa, sabe. Eu fazia natação e não tomava banho com os outros meninos porque eu tinha vergonha de ficar pelado. E também tinha a coisa de ser *gay* também. Então como ia ser? Eu voltava molhado embora, eu era besta e tal. Daí, eu fui perder um pouco da vergonha em ter problemas com o corpo foi quando eu comecei a fazer a modificação corporal. As primeiras tatuagens foram me liberando o corpo aos poucos. Eu tatuava as pernas, e daí veio a bermuda que eu passei a usar. Eu tatuei os braços, e daí veio as regatas que também comecei a usar (trecho 1).

Em relação às próprias modificações corporais, T. Angel diz:

⁸ Trata-se de análises preliminares de uma das possíveis narrativas que estarão presentes na tese de doutorado, provisoriamente, intitulada *Corpos (Con)Sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corpos singulares*.

Eu tenho os *piercings* nas orelhas. Tenho *piercing* no nariz. Tenho *piercing* no lábio. Tenho *piercing* no mamilo. E tenho alguns *piercings*, bom, na verdade, a maioria, estão ganhando tamanhos maiores, então são alargadores bem dizer. Tenho *piercing* no umbigo e tenho *piercing* genital (trecho 2).

Daí eu tenho as tatuagens, eu tenho as tatuagens nos braços, no peito, próximo das virilhas, nas pernas, nas costas eu não tenho. Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com *branding* nas costas (trecho 3).

As queimaduras, primeiramente eu fiz para simbolizar como se eu tivesse tido asas e que elas teriam sido arrancadas e daí esse miolo que ficou da cicatriz, eu estou fazendo remoção de pele, de tecido, com escarificação que é feito com bisturi. Não terminei, mas ainda estou fazendo. Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meias esferas de *teflon*, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone. Porque na dança o de teflon está me atrapalhando e no treino da academia também. E eu acho que a modificação corporal não deve atrapalhar o corpo, então quando começa a atrapalhar é um problema, porque para mim já não está bom. E o que eu tenho mais? Ah, eu tenho a língua bifurcada (trecho 4).

Tem dois riscos, que é um trabalho de arte feito com bisturi. Eu cortei, na verdade, mais de uma vez porque a idéia era que ficasse uma marca bem superficial, mas quando eu fiz a primeira vez, ela sumiu. Daí eu fui e fiz de novo... isso faz parte do Projeto T. Angel que faz parte de uma discussão sobre a visão (trecho 5).

No que diz respeito ao modo como vê o mundo, a partir das modificações corporais e em relação específica a sua orientação sexual/identidade de gênero/ prazer corporal, T. Angel adentra as discussões sobre (res)significar o gênero e como se sente como uma transexual:

Bom, tudo começou quando comecei o projeto T. Angel. E aí já era uma idéia que estava circulando na minha cabeça que eu era transexual. Na época eu pensava que era transexual, e hoje menos... naquela época era muito forte, mas hoje menos. E eu quis colocar isso dentro desse trabalho que não está pronto ainda, mas que vai ainda acabar. E aí, eu tinha uma descrição no perfil, e colocava lá... é... num sei se transgênero ou transexual, algo do tipo... enfim, tava lá... e daí tem uma galera do BME que é super *hardcore* e daí eles começaram a me questionar muito se eu faria a mudança de sexo. Para mim, a coisa de ser transexual é transcender a questão, a idéia sexual. Às vezes, eu me vejo como uma mulher, mas eu acho que... eu nunca quis ter seios, vagina, nunca. Mas eu acho que um corpo masculino e uma identidade de gênero feminina... caralho, sabe assim? É tão do caralho quando um cara que tenha pinto e seios. Acho foda. Daí, as pessoas começaram a me questionar muito se eu ia fazer ou não ia. Eu falava que naquele momento não passava pela minha cabeça fazer uma mudança transgenital, mas a gente não descarta, né, no futuro. E daí o pessoal reclamava (risos). Mas é bem baixa a possibilidade, porque assim, eu li uma coisa que me interessou, não sei se foi nos estudos da psicologia, mas que falava que a transexual não precisava da genitália para construir seu gênero. Eu acho que não precisa, dá para constituir seu gênero feminino sem fazer a cirurgia (trecho 6).

Nunca tive ódio de pinto com vontade de querer arrancar não. Sei lá, eu não descarto nada nessa vida. Teve aquele cara africano maravilhoso que eu entrevistei que ele fala

que ele também se considera transexual, só que com seios e com pinto, um puta pinto porque ele colocou silicone no pinto. Ele ainda fala da coisa de transcender a sexualidade anatômica, de se ir além. Bom, eu acho que eu estou nessa pegada, sabe. Não um terceiro sexo, uma outra coisa, porque na minha cabeça... por exemplo, hoje eu tenho uma relação homossexual, meu namorado é gay e eu sou teoricamente gay. Mas na minha cabeça eu sou transexual... para mim... hum... eu não tenho vontade de me vestir como mulher, eu não tenho vontade de ter vagina, mas eu sinto muito, eu converso com menina... eu sempre fui muito próximo de mulher e eu me identifico inteiramente com o mundo feminino, com as mulheres e a sensibilidade feminina. Nesse sentido, eu sou muito mulher, para caralho. E ontem a gente estava numa discussão sobre estupro e uma amiga me disse: “Olha, a gente precisa de mais homens como você”. E eu me sinto esse homem, sabe, essa coisa de um homem militar pela causa feminina, porque eu não me sinto tão distante de ser mulher, por mais que eu não tenha uma aparência feminina. Então, para facilitar o entendimento, é uma relação homossexual, mas não é, não é mesmo. Pode dar a impressão que eu esteja querendo colocar pêlo em ovo, mas não é não, cara. É bem esse sentimento mesmo. Eu acho que... eu já meditei sobre isso também, se era falta de... como posso dizer, se era falta de alguma coisa para eu me assumir como homossexual. Eu não preciso me vestir como uma mulher, entendeu? Foi essa conclusão que eu cheguei, eu fiquei pensando muito sobre isso. Será que tenho que me travesti, ter peito, ter vagina, usar calcinha para me sentir mulher? Conheço um monte de mulher foda que não faz isso, e não tem a ver com lésbica. Por isso na minha cabeça, a transexual é nesse sentido (trecho 7).

Eu acho que... quando eu falo do T. Angel, principalmente, eu quero ver como vou projetar essa neutralidade de pessoa, de um personagem que não marca um sexo... eu tenho tentado evitar os personagens nus para sempre preservar essa coisa da genitália porque a gente está muito ainda na carne disso do genital. Mas eu acho que eu poderia muito facilmente dizer que eu me enquadro nessa perspectiva trans assim (trecho 8).

Eu acho legal ter essa cabeça de mulher e olhar no espelho e ver um cara. Eu adoro. Até o dia que eu me vi como mulher, eu odiei. Foi um trabalho pesadíssimo que depois que acabou eu fiquei: “Vai, volta!”. Porque eu olhava para o espelho e não me identificava com aquela imagem de mulher. Toda aquela discussão, aquela confusão, saiu e acabou. Eu gosto dessa coisa, pensar como uma mulher, com essa sensibilidade feminina que eu sei que é muito forte e... mas ter um corpo masculino, forte, ter força, eu gosto de ter força, eu gosto de mulher bombada. Eu não sei se tem estudos, eu li pouco sobre isso (trecho 9).

Discutindo e Concluindo: Narrativa performática ou *performance* narrativa?

Se o corpo é *performance* e toda *performance* é discurso e, se todo discurso é produto/produtor de subjetividades, pergunta-se: podemos pensar em novas configurações corporais a partir da insurgência de distintas práticas discursivas? Existem possibilidades de escolher *performances* corporais? Que lugar ocupa o desejo nesta discussão? Só podemos problematizar corpo a partir do binário generificado? Ou ainda, existem possibilidades em desconstruir o essencialismo, a naturalização e a biologização dados aos corpos? O que dizemos quando falamos sobre corporalidades na (trans)contemporaneidade?

A partir da análise da narrativa de T. Angel podemos observar a proposta da *body modification* como um dispositivo estratégico de auto-governo e insurgência corporal, da fluidez dos desejos e prazeres e da construção singular de estética que possui sentido e significado para quem produz um corpo dissidente. T. Angel utiliza seu corpo como um projeto processual a ser elaborada, em curto e em longo prazo, para comunicar uma grande variedade de mensagens pessoais e culturais, entre elas, a utilização do corpo como um dispositivo político para a problematização das normativas, controles e disciplinas.

Embora T. Angel não se autodenomine como *queer*, o mesmo apresenta um posicionamento *queer* frente sua corporalidade e modo de ver o mundo. Primeiramente, pelo fato de durante toda sua trajetória de vida ter sido considerado como desestabilizador, perturbador aos olhos comuns da sociedade; as pessoas o denominavam de aberração, abjeto e louco. O entrevistado revelou em mais de 6 horas de entrevista como já foi hostilizado por parentes, religiosos, pessoas da comunidade onde mora assim como por diversos grupos urbanos (que também já sofreu alguma forma de discriminação) por apresentar uma estilística da existência que distoa dos ajustamentos constitutivos para a construção da masculinidade. T. Angel conta que durante toda a adolescência era comum ter que fugir de *punks*, *skinheads*, entre outros, devido sua mescla no uso de acessórios e idumentárias para compor, junto as modificações corporais, uma estética híbrida, sem identidade grupal definida e sem marcação de gênero rígida, ou seja, transparecia uma estética abjeta.

Analizamos a partir de Miskolci (2009) e Butler (1999), a compreensão de a abjeção se conecta com a idéia de *queer*, a partir de quando se remete a uma dissidência, quando apresenta corpos não autorizados de pessoas ou grupos ditos como minorios⁹ e não-convenionais. O posicionamento *queer* rompe com a coerência e a continuidade instituídas pelas normas, principalmente no que diz respeito aos gêneros, sexualidades e corporalidades, como podemos observar nos dizeres de Judith Butler:

[...] a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de

⁹ Aqui “minorias” não será relacionada à ordem numérica, quantidade ou porcentagem de pessoas, mas às pessoas que enfatizam a dissidência fugindo das redes normativas que engessam a insurgência de estilísticas de existências singulares.

gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (BUTLER, 2003, p. 38).

Analisa-se que T. Angel problematiza as questões de gênero quando desassocia o uso da *body modification* (uso de técnicas, rituais de dor) como uma condição destinada às construções apenas das masculinidades. Ele embaralha códigos instituídos para o gênero feminino e ao gênero masculino para constituir sua estética como, por exemplo, usar brincos, unhas pintadas, shorts extremamente curtos, camisetas curtas e com detalhes ditos como “femininos”, entre outros.

Também utiliza seu corpo como um dispositivo político e emancipatório quando utiliza a *body art* (por meio das suas performances artísticas) para quebrar as regras da inteligibilidade cultural em relação aos gêneros, denunciando a homofobia, o machismo, o racismo, o elitismo, e o “ódio ao corpo e ao prazer” (sic). O entrevistado se torna abjeto e bizarro (aos olhos convencionais) quando não responde a regra de que para um sujeito seja legível e inteligível dentro da cultura ocidental, é obrigatório que se mantenha dentro do crivo das “relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2003, p. 38). O foco de suas *performances* (seja no dia-a-dia, seja em apresentações específicas como, por exemplo, *performance* na Virada Cultural de São Paulo em 2011 e 2012) é direcionado para o afastamento das conformidades e interdições ao prazer do corpo, resistência às idéias culturais que tomam o corpo com um *locus* sagrado a não ser profanado, contra a interdição da manipulação corporal, entre outros.

O *sentir-se transexual* relatado por T. Angel nos faz pensar no conjunto de resistência ao modelo coerente e contínuo entre o sexo, gênero, prática sexual e desejo. Podemos analisar que o *sentir-se transexual* pode ser como “um estilo *corporal*, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “*performativo*” sugere uma construção dramática e contingente de sentido” (BUTLER, 2003, p. 199). Assim, as tecnologias de modificações corporais podem reificar binário sexual, no entanto, também pode ser um potente dispositivo de problematização desse binário quando discute a dicotomia corpo natural *versus* um corpo social e a rigidez do sistema sexo-gênero. O entrevistado também se destaca em um posicionamento *queer* em suas performances artísticas (*body art*), ocasião em que mistura o componente dor e força (componentes referenciados ao masculino) e a delicadeza e sensibilidade de movimentos (dado ao feminino), conquistando o respeito e admiração dentro e fora do contexto do *body modification*.

Ainda, observamos que o posicionamento *queer* de T. Angel se anuncia quando luta e milita a favor de diversos outros grupos minoritários que buscam a equidade de direitos sociais como, por exemplo, dos veganos, dos animais, do meio ambiente, discurso contra a violência contra as mulheres, crianças e idosos e também contra a intolerância religiosa.

De maneira conclusiva, analisamos que, de fato, a sociedade ocidental engendrou dispositivos disciplinares e de controle que produziram modos de subjetivar e modos de fazer gênero e sexualidade e, subseqüentemente, modos de produzir prazer e estéticas corporais. Enfrentar o binarismo sexual não parece tarefa fácil, pois se trata de realizar enfrentamentos contra políticas históricas de assujeitamento dos sujeitos. No entanto, também é fato que, ao longo da história, muitas mudanças no campo social ocorreram, sendo causadas por acontecimentos de resistência de ditas populações minoritárias. O modo como combater os pilares do machismo, da homofobia, da misoginia não caminham progressivamente de maneira unilateral, uma vez que os acontecimentos sociais possuem uma multiplicidade de conexões que produzem continuidades e rupturas. O que podemos problematizar a partir da proposta de Foucault (2005, p.91) seria: “[...] *lá onde há poder, há resistência* [...]”, ou seja, é necessário criar mecanismos e estratégias de combate à normatização das estilísticas das existências, possibilitando a expansão dos fluxos de desejos e da ética dos gêneros/sexualidades e corporalidades. A figura de T. Angel, anjo caído, sem sexo e gênero definido, na nossa observação, propõe resistência potente e criativa.

Referências Bibliográficas

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da pele**: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2006.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, p. 153-172,1999.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Zeila. **Do Porão ao Estúdio**: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem, Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina,2004.

De LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: Holanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, p. 206-242, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

LEITÃO, Débora Krischke. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. In: **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo: Unisinos, ano 2. n.16, 2004.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais, In: Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, n. 21 p.150-182, 2009.

PIRES, Beatriz F. **O corpo como suporte da arte**. São Paulo: Senac, 2005.

SABINO, César e LUZ, Madel. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. In: **Physis: Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: 16 (2):251-272, 2006.

TERTO JR., Veriano. **Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1997. (Tese de doutorado).